

CONTRIBUIÇÃO DO PET-FITOTERAPIA NA CONSTRUÇÃO DO PERFIL DOS USUÁRIOS DE PLANTAS MEDICINAIS DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE E MUNICÍPIOS CIRCUNVIZINHOS DA PARAÍBA

Amanda Vieira Barbosa; Fagner Arruda De Lima; Daniel Alves De Oliveira; Rallyne Kiara Agra Moraes; Cristina Ruan Ferreira De Araújo.

(1) Discente de Medicina e Bolsista do Pet Conexões e Saberes Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande; amandavbarbosa@hotmail.com;

(2) Discente de Enfermagem e Bolsista do Pet Conexões e Saberes Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande ; fagnerlim@gmail.com;

(3) Discente de Medicina e Bolsista do Pet Conexões e Saberes Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande; daniel_oliveira_@live.com

(4) Discente de Medicina e Bolsista do Pet Conexões e Saberes Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande; rallyne2706@gmail.com

(5) Prof. Dra. dos cursos de Enfermagem e Medicina e Tutora do Pet Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande; profcristinarian@gmail.com.

Resumo: O PET Conexões de Saberes - FITOTERAPIA é um grupo que desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Há 5 anos desenvolve estas atividades voltadas para o resgate do uso popular da fitoterapia e promoção do uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos. Neste período de tempo, com mais de 10 pesquisas realizadas, foi possível coletar inúmeros dados sobre o uso de plantas na cidade de Campina Grande – PB e discutir alguns tópicos importantes acerca do da utilização delas. O objetivo deste artigo é avaliar de maneira geral qual é o perfil dos usuários de plantas medicinais resultados das pesquisas realizadas pelo PET, avaliando quantos participantes utilizavam, quais as mais usadas, de que forma foi adquirido esse conhecimento. Foi realizado um levantamento acerca de todas as pesquisas e artigos publicados pelos petianos do grupo nestes 5 anos de atividades, os dados foram analisados descritivamente para chegar a um perfil único e geral. Observou-se que no total tiveram 1328 entrevistados, sendo destes 783 usuários de plantas medicinais. As plantas mais utilizadas foram boldo, erva cidreira, erva doce, capim santo e babosa. Concluiu-se que parcela considerável da população estudada utiliza plantas medicinais e pelo perfil encontrado nesta amostra existe uma grande possibilidade desta representar a população de Campina Grande e região que ainda recorre ao uso de plantas medicinais como opção de tratamento em diversos cenários.

Palavras-chave: Grupos de Pesquisa, Fitoterapia, Plantas medicinais, Promoção de saúde.

INTRODUÇÃO

O uso de plantas medicinais é uma prática que remonta a antigas civilizações, sendo

considerada a primeira terapêutica utilizada pelos seres humanos. Um dos primeiros registros do uso de plantas medicinais data a mais de 5000 anos

(83) 3322.3222

contato@conbracis.com.br

www.conbracis.com.br

atrás pelos povos Sumérios (KELLY, 2009). Nos primórdios da humanidade, acreditava-se que as plantas eram agentes curadores e muitas vezes julgavam qual planta usar em determinado tipo de doença pelo formato e pelo que ela lembrava. Por exemplo, a planta que lembrasse um olho era usada para doenças oculares. (OSLER, W, 2015).

No Egito, antigos papiros mostram que, a partir de 2000 a.C. , grande número de médicos utilizava as plantas como remédio e considerava a doença como resultado de causas naturais e não como consequência dos poderes de espíritos maléficos. O Papiro de Ebers é um documento amplamente conhecido e discutido dentro da história das plantas medicinais, ele data de 1500 a.C. e cita mais de 700 drogas que inclui entre elas vários extratos de plantas (ALMEIDA, 1993; TOMAZZONI, NEGRELLE, CENTA, 2006). Várias outras civilizações também tem documentos que comprovam o uso de plantas medicinais. Na medicina tradicional chinesa uma das principais fontes de cura são as plantas, sendo ainda muito usada pelos habitantes locais, sendo que mais da metade da população usa medicamentos tradicionais (LI,2000).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) a medicina tradicional/alternativa ainda é a principal opção de cuidado com a saúde em várias partes do mundo. O principal motivo para este uso disseminado se deve ao fato de ser mais acessível e de menor custo, além de promover um nível de autonomia ao paciente no momento do tratamento (WHO, 2013). Em 2006 a OMS criou o International Regulatory Cooperation for Herbal

Medicines (IRCH), que tem como objetivo promover a saúde pública através da segurança e regulamentação do uso das plantas medicinais, sendo o Brasil um dos membros dessa organização. (WHO, 2016)

Sendo o Brasil o país com maior biodiversidade do mundo foi imprescindível a aplicação de decretos e programas nacionais que cumprissem com os objetivos da OMS e incentivassem o uso de plantas medicinais.

Em 2006 foram lançadas a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares e a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) que entre as suas diretrizes se destacam: o fomento às pesquisas sobre o uso de plantas pela população e a promoção e reconhecimento das práticas populares de uso de plantas medicinais e remédios caseiros. A política também traz em único conceito um resumo que abrange simultaneamente os déficits do Brasil no campo das plantas medicinais e interpõe os resultados que podem advir através da consolidação desta política, que é o conceito do uso racional de plantas medicinais que cursa com “a prescrição apropriada; a disponibilidade oportuna e a preços acessíveis; a dispensação em condições adequadas” (BRASIL, 2006). Este conceito responde as preocupações da OMS com a segurança e farmacovigilância desta terapia, visto que em 2004 foi lançado um *guideline* pela organização com o objetivo de melhorar a quantidade e qualidade das informações sobre uso adequado, prescrição

oportuna e efeitos adversos do uso de plantas medicinais em todo mundo (WHO, 2004).

ANTONIO (2014) avaliou a quantidade e características dos estudos sobre fitoterapia na atenção primária e concluiu que nos últimos 25 anos houve um aumento na publicação de estudos acerca desta prática no Brasil, em grande parte devido à implantação da PNPMF.

No estado da Paraíba e na cidade de Campina Grande as ações quanto à implantação da política de práticas integrativas e de plantas medicinais são incipientes. Alguns cursos são oferecidos a profissionais de saúde principalmente na cidade de João Pessoa, professores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) são os principais atores na área de fitoterapia neste município, porém estas atividades são irregulares e não se relacionam com uma programação que de fato busque a concretização destas políticas na vivência das unidades de saúde.

Embora seja uma área pouco trabalhada na política do estado, na economia a realidade é um pouco diferente. Um censo agropecuário realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), analisou que no Brasil existem 2073 estabelecimentos de produção plantas, flores e folhas medicinais e na Paraíba existem 123 destes, porém a quantidade deve ser bem maior visto que já se passaram dez anos desde a realização deste levantamento (IBGE, 2006). Nas universidades o ensino da fitoterapia ainda não é totalmente estabelecido, exceto na UFPB, fato este que auxilia para um maior conhecimento dos estudantes de saúde que se

formam nesta instituição. Porém na UFCG o ensino da fitoterapia ainda é secundário, disponível apenas como uma disciplina optativa no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

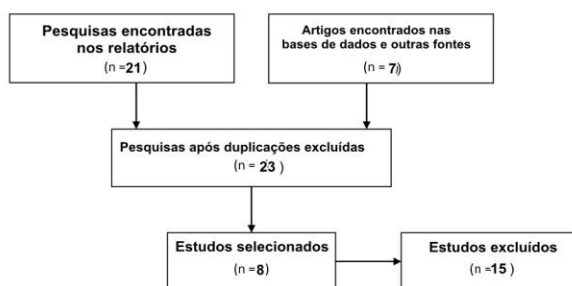
Neste contexto, em 2011, foi criado o grupo PET (Programa de Ensino Tutorial) Conexões de Saberes -Fitoterapia na Universidade Federal de Campina Grande, através de um edital do Ministério da Educação. Com os pilares de pesquisa, ensino e extensão o PET busca resgatar conhecimento e tradição popular do uso de plantas medicinais/fitoterapia e através deste conhecimento realizar atividades de educação e promoção de saúde na comunidade e entre os universitários. O grupo de pesquisa conta com alunos dos cursos de medicina, enfermagem e psicologia.

METODOLOGIA

Foram realizadas análises em todos os relatórios anuais de atividades do PET-FITOTERAPIA, além dos artigos publicados através de pesquisas nas bases de dados e curriculum lattes da tutora, egressos e atuais petianos. Também foi analisada uma dissertação de tese fruto de uma das pesquisas de um ex-membro do PET.

Os critérios de elegibilidade foram: pesquisas realizadas pelo PET-FITOTERAPIA de 2011 até 2015; estudos com humanos; estudos transversais; estudos quantitativos.

Figura 1: Esquema da seleção dos estudos para compor este artigo.



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ano de 2011 foram realizadas quatro pesquisas, porém apenas uma preencheu os critérios de elegibilidade: Levantamento etnobotânico das plantas medicinais utilizadas por usuários da UBSF Malvinas V, Campina Grande – PB (A) (SILVA, 2015; ARAÚJO, 2014). Em 2012 foram realizadas quatro pesquisas, porém nenhuma destas correspondeu aos critérios para seleção.

Em 2013 foram realizadas 4 pesquisas, e três foram selecionadas para este artigo: Uso de plantas medicinais por pacientes com câncer de mama atendidos em um hospital público de Campina Grande- Paraíba (B) (SILVA, 2015); Uso de plantas medicinais em crianças de zero a seis anos em uma unidade básica de saúde da família da cidade de Campina Grande- Paraíba (C); Conhecimento das gestantes atendidas em uma maternidade e em Unidades Básicas de Saúde da Família do bairro Malvinas (Campina Grande) acerca de plantas medicinais com potenciais efeitos teratogênicos e abortivos (D) (ARAÚJO, 2016).

Em 2014 foram realizadas cinco atividades de pesquisa, destas apenas duas obedeceram aos

critérios de elegibilidade: Conhecimento e crenças no uso de fitoterapia por estudantes do curso de medicina e enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande (E); Uso de plantas medicinais por idosos na zona rural da cidade de Fagundes- PB (F).

Em 2015 foram realizadas quatro pesquisas. Porém, estas ainda estão em fase de análise, optando então por apresentar neste artigo apenas os dados dos estudos pilotos. Uso de fitoterápicos por mulheres na fase do climatério: uma investigação em unidades básicas de saúde da cidade de Campina Grande-PB (G); O uso de *Phyllanthus niruri* (quebra-pedra) como nefrolítico: do popular ao científico (H).

Foram extraídos os dados sobre número de participantes das pesquisas (tabela 1); quantos usavam plantas medicinais (tabela 2 e gráfico 1); quais as principais plantas usadas (gráfico 2); local de realização da pesquisa; finalidade do uso das plantas (gráfico 3); fonte de conhecimento (gráfico 4); se os participantes acreditavam que planta medicinal poderia fazer mal (gráfico 5).

Quatro das pesquisas foram realizadas em unidades básicas de saúde e duas em hospitais. As outras duas foram realizadas na Universidade Federal de Campina Grande e na zona rural do município de Fagundes.

Tabela 1: Quantidade de participantes entrevistados em cada pesquisa

Pesquisa	Número de participantes
A	420

B	178
C	225
D	125
E	210
F	119
G	39
H	12

TOTAL	1328
--------------	-------------

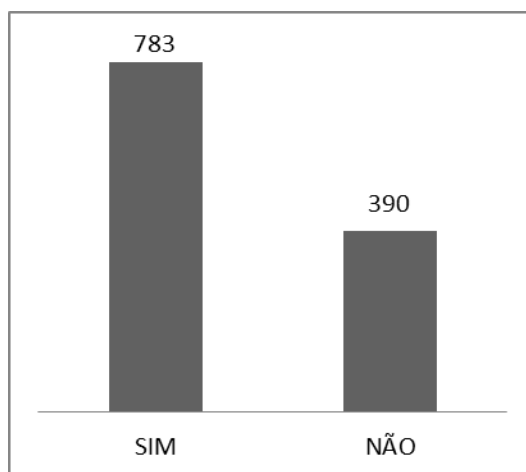
Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Tabela 2: Número de participantes que utilizavam plantas medicinais por pesquisa.

Pesquisa	Número de participantes
A	336
B	55
C	63
D	82
E	128
F	109
G	10
H	10
Total	783

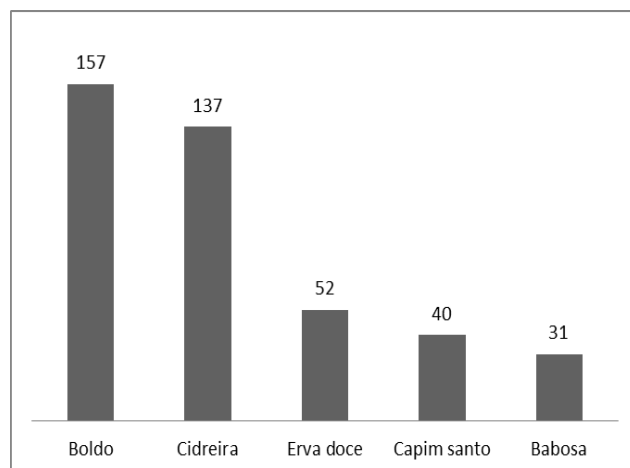
Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Gráfico 1: Quantidade de participantes que fazem uso de plantas medicinais.



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Gráfico 2: Plantas mais utilizadas pelos participantes das pesquisas.

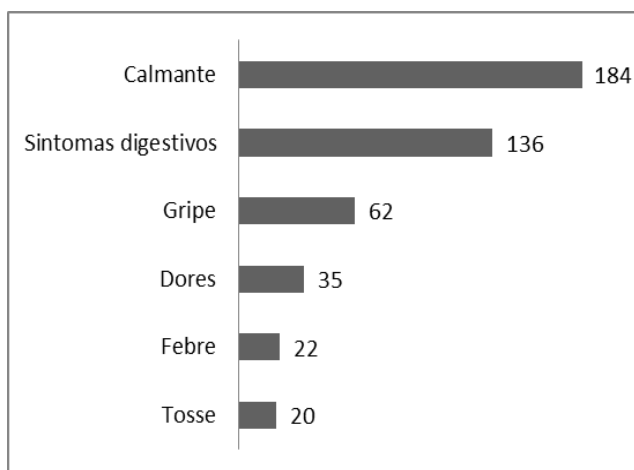


Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Além das plantas expostas no gráfico 2 também foram citadas: capim santo (*Cymbopogon citratus*), camomila (*Matricaria recutita*), carqueja (*Baccharis trimera*), hortelã (*Mentha piperita*), endro (*Anethum graveolens*), quebra pedra (*Phyllanthus niruri*), pata de vaca (*Bauhinia forficata*), abacate (*Persea americana*), coco catolé (*Syagrus cearenses*), Amora (*sic*), eucalipto (*Eucalyptos globulus*) e chá preto (*Camellia*

sinensis). O principal uso do boldo foi para resolução de sintomas digestivos, o da erva cidreira, erva doce e capim santo foi calmante e a babosa tinha uso externo em pele e cabelos.

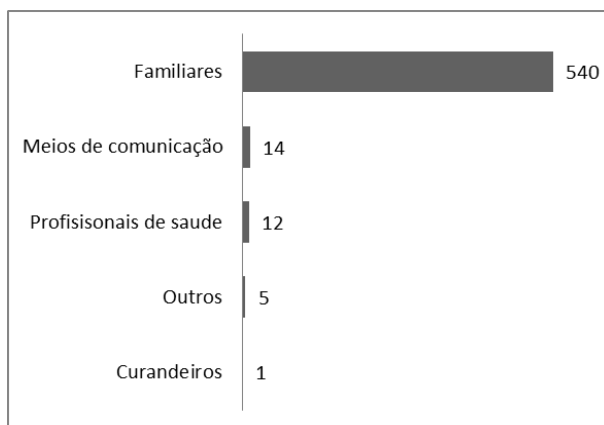
Gráfico 3: Principais usos de plantas pela população.



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Outras finalidades observadas foram: uso para reduzir enjojo, azia, auxiliar na perda de peso, como anti-inflamatório, nefrolítico, redução dos sintomas da menopausa, cura do câncer, uso externo em pele e cabelo e consumo pelo sabor da planta.

Gráfico 4: Fonte de conhecimento sobre o uso de plantas medicinais *

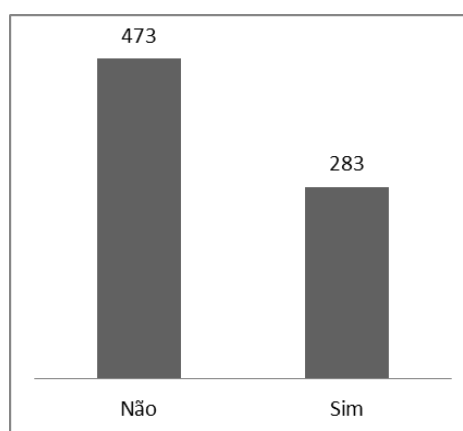


Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Notas: * Nas pesquisas E, G e H este aspecto não foi avaliado.

Em quatro destas pesquisas (A, B, F e G) foi perguntado se o uso de plantas medicinais pode fazer mal à saúde, os resultados encontram-se apresentados no gráfico 5, abaixo.

Gráfico 5: Avaliação sobre a capacidade das plantas medicinais ocasionarem malefícios a saúde.



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Este artigo analisou oito pesquisas, quatro artigos frutos delas e uma monografia. Mais de 50% dos entrevistados usavam plantas medicinais. Um dos estudos de maior validade e que melhor representa a população em geral de Campina Grande e região foi justamente a pesquisa (A) que não limitou um perfil específico de participantes, no caso da avaliação dos moradores do bairro das Malvinas, e foi nesta onde se obteve um grande número (80%) de usuários de plantas medicinais.

Os usos foram diversificados, desde utilização como sintomático (antipirético, analgésico) até cura de doenças (câncer, nefrolitíase), demonstrando que a população ainda

acredita e confia muito no uso de plantas no tratamento de doenças. Que muitas vezes deixa de ser vista como terapia complementar, para ser a única utilizada por diversos motivos que incluem: fácil acesso, baixo custo, tradição familiar.

Porém, é importante ter atenção para a crença muito forte de que usar plantas não causa malefícios à saúde, pois foi observado que um alto número de pessoas (473) acredita que a utilização de plantas medicinais não acarreta malefícios a saúde, em nenhuma ocasião. Porém, já existem evidências que o uso excessivo de plantas medicinais pode causar toxicidade, ocasionando inclusive a hepatite, fitodermatoses (SOUZA, 2011; SILVEIRA, 2008; REIS, 2010), porque as plantas, assim como medicamentos alopáticos, possuem em sua composição inúmeras substâncias e elementos químicos que podem interagir de diversas maneiras com o organismo. Países como Reino Unido, Estados Unidos da América e Inglaterra já tem algumas medidas para impedir o uso desordenado e não orientado de plantas/fitoterápicos, na tentativa de melhorar a farmacovigilância para estes produtos (SILVEIRA, BANDEIRA, ARRAIS, 2008).

Um dos passos alcançar esta farmacovigilância é através da promoção do uso racional preconizado pelo Ministério da Saúde. Uma das atitudes do governo brasileiro quanto a esta questão é a criação do NOTIVISA (Sistema Nacional de Notificações para a Vigilância Sanitária) onde recebe notificações de incidentes e efeitos adversos do uso de medicamentos, plantas medicinais, agrotóxicos, transfusões sanguíneas,

tanto de profissionais de saúde quanto diretamente da população em geral. Em 2010 estudo avaliou as notificações de 1999 a 2009 recebidas pela ANVISA devido a efeitos colaterais devido ao uso de plantas medicinais ou fitoterápicos, chegando ao número de 77 notificações, sendo destas 32% notificados por usuários do sistema de saúde, evidenciando a importância da população no sistema de Farmacovigilância. Este número de 77 notificações provavelmente é maior, devido ao escasso conhecimento dos profissionais deste sistema e também pela falta de treinamento muitos acabam subnotificando ou não notificando sintomas como efeitos adversos a plantas (BALBINO, DIAS, 2010).

O conhecimento de plantas medicinais através de familiares e amigos ainda é muito presente em toda a população, sendo a fonte mais citada pelos participantes destas pesquisas. Dados que se assemelham com os coletados por MESSIAS (2015) e CARVALHO (2015).

CONCLUSÃO

Sabendo que o PET Conexões de Saberes - FITOTERAPIA é um grupo de pesquisa composto por atualmente 18 estudantes universitários (ao longo dos 5 anos já participaram 51 estudantes) e uma tutora professora da instituição, e que nestes anos de pesquisa alcançou uma considerável parcela da população de Campina Grande e região com 1328 pessoas entrevistadas, com variados recortes populacionais, é nítido o trabalho extensivo dos alunos. Desde universitários, futuros aplicadores destes conhecimentos; idosos que são as principais fontes sobre plantas

medicinais na família, grávidas, crianças; todos estes perfis foram analisados durante estes anos de pesquisa. Tendo, portanto dados concretos e diversos que podem embasar os administradores de Campina Grande e região para a criação de políticas públicas para disseminar e construir junto com a população e os profissionais de saúde a prática e o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos.

Através destes dados foi demonstrado estatisticamente o uso considerável de plantas medicinais e por se conhecer o perfil da população estudada estes números tem grande chance de representarem a população de Campina Grande e região. Portanto, torna-se necessário avançar para outra etapa, desenvolver ações extensionistas e pesquisas que avaliem a segurança e qualidade das plantas e materiais usados por esta população para garantir o uso racional, como preconiza a Organização mundial da Saúde e o Ministério da Saúde do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E. R.. **Plantas medicinais brasileiras: conhecimentos populares e científicos**. Hemus, 1993.
- ANTONIO, G. D.; TESSERI, C. D.; MORETTI-PIRES, R. O. Fitoterapia na atenção primária à saúde. **Revista de Saúde Pública**, [S.L], v. 48, n. 3, jan./jan. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v48n3/pt_0034-8910-rsp-48-3-0541.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2016.
- ARAÚJO, C. R. F. *et al.* Use of Medicinal Plants with Teratogenic and Abortive Effects by Pregnant Women in a City in Northeastern Brazil. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetria**, v. 38, n. 3, jan./jan. 2016.
- ARAÚJO, C. R. F. *et al.* Perfil e prevalência de uso de plantas medicinais em uma unidade básica de saúde da família em Campina Grande, Paraíba, Brasil. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**, [S.L], v. 35, n. 2, abr. 2014.
- BALBINO, E. E; DIAS, M. F. Farmacovigilância: um passo em direção ao uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 20, n. 6, p. 992-1000, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos** / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em:<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_fitoterapicos.pdf>. Acesso em agosto de 2015.
- CARVALHO, A. P. S.; CONCEIÇÃO, G. M.. Utilização de plantas medicinais em uma área da estratégia de saúde da família, caxias, maranhão. **Enciclopédia biosfera**, [S.L], v. 11, n. 21, jan./jan. 2015. Disponível em: <<http://www.conhecer.org.br/enciclop/2015b/saude/utilizacao%20de%20plantas%20medicinais.pdf>

>. Acesso em: 16 abr. 2016.

IBGE– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Censo Agropecuário Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em:<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/brasil_2006/Brasil_censo_agro2006.pdf>. Acesso em agosto de 2015.

KELLY, K. **History of medicine: Early civilizations**. [S.L.]: Facts on File, 2009. 20-60 p.

LI, L. Opportunity and challenge of traditional Chinese medicine in face of the entrance to WTO (World Trade Organization). **Journal of Traditional Chinese Medicine**, [S.L.], v. 7, jan. 2000.

MESSIAS, M. *et al.* Uso popular de plantas medicinais e perfil socioeconômico dos usuários: um estudo em área urbana em Ouro Preto, MG, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, [S.L.], v. 17, n. 1, jan./jan. 2015. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbpm/v17n1/1983-084X-rbpm-17-01-00076.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

OSLER, W. **The Evolution of Modern Medicine: A series of lectures**. Forgotten Books, 2015.

REIS, V. M. S. Dermatoses provocadas por plantas (fitodermatoses). **Anais Brasileiros de Dermatologia**, v. 85, n. 4, ago./ago. 2010.

Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext>. Acesso em: 16 abr. 2016.

SILVA, B.A. **Uso de plantas medicinais por pacientes com câncer atendidos em um hospital de Campina Grande – PB**. Trabalho de Conclusão de Curso (enfermagem). Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2015.

SILVA, A. B. *et al.* O USO DE PLANTAS MEDICINAIS POR IDOSOS USUÁRIOS DE UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE DA FAMÍLIA. **REVISTA DE ENFERMAGEM**, v. 9, abr./abr. 2015.

SILVEIRA, P. F.; BANDEIRA, M. A. M.; ARRAIS, P. S. D. Farmacovigilância e reações adversas às plantas medicinais e fitoterápicos: uma realidade. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, [S.L.], v. 18, n. 4, dez. 2008. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-695X2008000400021>. Acesso em: 18 abr. 2016.

SOUZA, A. F. M. Hepatotoxicidade por Chás. **Revista Suplemento Hepatotoxicidade**, v. 30, fev. 2011. Disponível em:
<<http://www.sbhepatologia.org.br/cientifico/ged/volume30/6.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

TOMAZZONI, M. I.; NEGRELLE, R. R. B.; CENTA, M. L. FITOTERAPIA POPULAR: A BUSCA INSTRUMENTAL ENQUANTO PRÁTICA TERAPÊUTICA. **Texto Contexto**

Enfermagem, v. 15, n. 1, 2006. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n1/a14v15n1.pdf>
>. Acesso em: 14 abr. 2016.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION.

General information on IRCH. Disponível em:
<<http://www.who.int/medicines/areas/traditional/geninfo/en/>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

WHO, World Health Organization. WHO guidelines on safety monitoring of herbal medicines in pharmacovigilance systems. **WHO Library Cataloguing-in-Publication Data**, 2004. Disponível em:
<<http://apps.who.int/medicinedocs/documents/s7148e/s7148e.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

WHO - World Health Organization WHO. WHO traditional medicine strategy: 2014-2023. **WHO Library Cataloguing-in-Publication Data**, 2013. Disponível em:
<http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/92455/1/9789241506090_eng.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2016.